



Tão familiar e tão desconhecido

Há coisas tão familiares, tão quotidianas, tão sem-assunto. Abro este número da nossa revista com uma reflexão sobre o familiar desconhecido a partir de três situações desconexas: o último quilómetro hortofrutícola, as candidaturas a projetos de investimento agrícola e as plantas hortícolas de vizinhança.

Primeira situação. Chegar à loja, colocar a fruta e as hortaliças no carrinho de compras, pagar, colocar as compras na bagageira do carro, por a fruta na fruteira e as hortaliças do frigorífico. Não há nada de tão quotidiano. E todavia, qual não foi o meu espanto quando começamos a medir aspetos desta realidade e a fazer experiências controladas para verificar se verificar os seus impactos. Essas primeiras caracterizações desta realidade, tão familiar e tão desconhecida, levaram-me a conceptualizar o «último quilómetro» das cadeias de abastecimento hortofrutícola que é exposto nesta revista e será aprofundado no nosso Encontro Ibérico de Pós-colheita. Como afirma o Pingo Doce, sócio patrono da APH em entrevista à revista, fruta e hortaliças são “um pilar estratégico” e um “cartão de visita da insígnia”. A loja é de facto o local onde consumidor avalia o desempenho de toda a cadeia de abastecimento hortofrutícola e a moderna distribuição concentra hoje a maior capacidade profissional para coordenar a cadeia. Mas para o fazer melhor precisa de medir – para gerir – as condições do «último quilómetro». A compreensão desta realidade por parte dos profissionais é indispensável para o aumento da satisfação dos consumidores que são, afinal, amadores que operam o «último quilómetro» da cadeia.

Segunda situação. A horticultura ornamental é porventura o subsetor agrícola onde os investimentos e custos de exploração por unidade de área são mais elevados, onde a exigência técnica

ca e comercial é maior e que pode ter um mais elevado retorno do investimento. É da natureza dessa fitotecnia, de características bem familiares. E, todavia, os projetos de investimento no setor não podem, atualmente, ter a majoração que os tornaria elegíveis no PDR cujo formulário e orientações técnicas premeiam a “agricultura de precisão” e a “melhoria da fertilidade do solo”. A tão familiar e tão desconhecida fitotecnia intensiva que usa os mais modernos sistemas de cultura sem solo, com uma elevada intensificação sustentável, com sensores para monitorizar e atuadores para controlar inúmeras variáveis fitotécnicas não se ajusta ao formulário. Esteve bem a Associação Portuguesa de Produtores de Plantas e Flores Naturais a alertar o Governo para esta falta de adequação. Terceira situação. As plantas hortícolas germinam, desenvolvem-se e adaptam-se, florescem e frutificam sem que precisemos de as conhecer. São nossas vizinhas nas hortas e quintais, nos jardins e varandas. E no entanto, que coisas maravilhosas se podem fazer quando se conhecem um pouco melhor essas plantas, as suas preferências, a forma de cuidar delas e de as integrar em atividades sociais e terapêuticas. O I Colóquio Nacional de Horticultura Social e Terapêutica promovido pela APH e pelos seus parceiros esteve repleto de exemplos de coisas familiares e desconhecidas em relação às plantas hortícolas e às suas utilizações.

Qual é o nexa entre estas situações aparentemente desconexas? São não-assuntos hortícolas, quotidianos para pessoas, empresas e entidades do terceiro setor, que mostram que pode ser útil conhecer as horticulturas e as suas amenidades. Revelam que a APH, 40 anos depois da sua fundação, continua a introduzir novos temas e conceitos. E estão explicados nesta revista. Boa leitura. ■

Domingos Almeida

Presidente da APH

presidente@aphorticultura.pt